

## EPÍLOGO - Escrivência e continuidades: produzindo conhecimento

Sheila Dias

Considerando que as reflexões que se seguem não partem de uma vivência pautada na individualidade, mas que estas resultam de um acúmulo de vivências experimentadas ao longo de uma trajetória de vida, forjada na luta coletiva, evoco nestas linhas, minhas memórias como docente, militante, intelectual e mulher negra, para realizar este diálogo com a coletânea que ora se materializa, mas também indico que a motivação que me inspira é preconizada pela certeza de que “nossos passos vêm de longe<sup>75</sup>”.

Recentemente, apresentei junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, minha pesquisa de tese intitulada de “Unidade do Diverso ou Inclusão Sem Pertencimento? Análise da educação superior e das políticas de ações afirmativas nas Pós-graduações em Serviço Social no Brasil”, que teve como objeto de estudo a incorporação da reserva de vagas a partir das cotas étnico-raciais para negras (es/os), indígenas, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIA+ nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) dos cursos de Mestrado e Doutorado em Serviço Social das universidades públicas e privadas do Brasil e vinculadas a Associação de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS).

O que trago aqui são alguns dos resultados encontrados durante a realização do estudo acima mencionado e expressam tensionamentos e perspectivas, próprios da dinâmica que envolve a produção de conhecimento. Inicialmente, minha intenção era apenas responder inquietudes pessoais, no entanto, ao olhar profundamente sobre as questões que envolvem os antecedentes sobre a formação social da história brasileira e sobre como isto afeta a produção de conhecimento, compreendi que tais reflexões deveriam partir das tensões existentes, mas, também, que era necessário seguir numa perspectiva teórica que me permitisse construir um caminho em direção a outras formas de diálogos com saberes, que outrora foram desqualificados do lugar de conhecimento científico.

Seguindo nesta direção, resalto de imediato a importância de um trabalho coletivo, cuja realização da produção de conhecimento se dá por um processo de *escrivência*<sup>76</sup>, onde as produções teóricas buscam interpretar temáticas diversas que nos atravessam cotidianamente. Recorremos a Conceição Evaristo (2020), autora do conceito sobre

---

<sup>75</sup> WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009 (generado el 28 janvier 2022). Disponible en Internet: . ISBN: 9782940503827. DOI: [https:// doi.org/10.4000/books.iheid.6316](https://doi.org/10.4000/books.iheid.6316). Acesso em: 28/jun/2023.

<sup>76</sup> Escrivência é um conceito desenvolvido pela Professora Doutora, intelectual e escritora negra mineira Conceição Evaristo. Ela utiliza-se deste termo, inclusive, para explicar a sua própria escrita e também a escrita de outras mulheres, sobretudo, mulheres negras. Em entrevista concedida à Tayrine Santana do Itaú Social, e Alessandra Zapparoli da Rede Galápagos (São Paulo), em 09/11/2020, por ocasião do seminário virtual “A Escrivência de Conceição Evaristo, iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte, desenvolvida a partir do Projeto Oficina de Autores – Memórias e Escrivências de Conceição Evaristo, lançado em 2018”, Conceição Evaristo afirma que “A escrevência serve também para as pessoas pensarem”. Ver em: CONCEIÇÃO EVARISTO - “A escrevência serve também para as pessoas pensarem” | Itaú Social.

“*escrevivência*”, pois ela nos informa que o movimento coletivo que move as nossas ações e intencionam alterar a vida das sujeitas e sujeitos, individuais ou coletivos, está preconizado por um caminho inverso, que borra a imagem do passado, justifica o caminho presente e aponta que são nas projeções futuras que depositamos as nossas ambições emancipatórias.

## **Produção de conhecimento e escrevivências**

Refletir a produção de conhecimento a partir de categorias que se interseccionam está de acordo com hooks (2020), numa forma de se encontrar e ter voz, falar, ser capaz de nomear e reclamar para si a posição de *sujeitas (es/os)*, (hooks, 2020, p. 170, *grifo nosso*). A interlocução entre as categorias *produção de conhecimento e escrevivência* se fez necessária aqui porque estas se complementam, mas não se esgotam. No entanto, tais categorias devem ser compreendidas a partir de uma *intersecção*, onde a análise das condições históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas deve ser realizada como um conjunto de elementos, que somente a partir de uma análise crítica, nos habilita a elaborar estratégias contrárias ao modo de produção capitalista e às variadas formas de opressões.

## **Processos históricos e educação**

Feitas as considerações acima, direciono minhas reflexões a uma breve análise sobre dois principais elementos imprescindíveis para uma produção de conhecimento que realize uma *Práxis Revolucionária*. O primeiro refere-se a conhecer os processos históricos que fundam uma determinada sociedade; e o segundo está na importância de conceber a educação como possibilidade concreta de transformação emancipatória.

Nesta direção, é preciso conhecer os caminhos percorridos até aqui, na tentativa de abarcar os processos históricos que fundam a sociedade brasileira. Conhecer tal realidade é tarefa fundamental para superarmos as mazelas deixadas tanto pela exploração capitalista quanto pelo escravismo que aqui se estabeleceu de maneira particular. A análise crítica desses processos, só pode ser realizada sob a perspectiva dialética, cujo movimento nos permite pensar as contradições presentes nas relações sociais na contemporaneidade.

O movimento dialético permite que as determinações históricas ultrapassem a si mesmas – todavia, isto impõe organização e reinvenções, demanda o desenvolvimento de mecanismos tanto para a superação das mazelas a que são impostos os grupos sociais distintos, como também impulsiona que as forças capitalistas e conservadoras reajam ao confronto iminente. Ou seja, não pode haver estratégia real de transformação sem que tal busca prossiga com firmeza, unidade e consciência das dimensões políticas e materiais necessárias para o enfrentamento das imposições capitalistas.

Ao refletirmos sobre o segundo elemento que é a educação, tomamos como ponto de partida a realidade da conjuntura atual. Vivemos um intenso movimento de reprodução do capital, onde os elevados níveis de acumulação reforçam os valores que naturalizam as desigualdades sociais. Aumento da competitividade, imposição do pragmatismo e do discurso da educação voltada para o sucesso financeiro, submissão ao mercado e aos seus efeitos enquanto regulador das reações individuais e coletivas dos sujeitos.

Em tempos tão duros como os da atualidade, onde a produção de conhecimento, o desmonte da educação e da ciência se agudizam, estando sob constante ameaças, percebemos a construção de estratégias e rebeldias, que caminham na contramão do obscurantismo que se espalha no país e no mundo. A organização e a expansão do ensino superior brasileiro também expressam algumas das características que conferem a este sistema de ensino, aspectos particulares próprios desta sociedade.

O processo de financeirização da educação, da saúde, do fundo público e das políticas sociais brasileiras não aponta outra direção senão a continuidade da luta pela construção de outra ordem social e pela *emancipação humana*<sup>77</sup>. Nesse sentido, salientamos a necessidade da busca constante por condições e mediações que permitam a materialização do compromisso ético-político firmado com e pela classe trabalhadora.

Embora a reflexão acima seja bastante sucinta, compreendo tais considerações muito relevantes para desnudar o cenário nada otimista sobre os rumos da educação brasileira. É preciso reconhecer as disputas e interesses distintos que almejam preservar e manter a agenda conservadora vigente. Contudo, destaca-se a luta incansável da categoria profissional de assistentes sociais, que junto às suas entidades representativas vem somando forças e desenvolvendo ações que visam fortalecer a produção de conhecimentos, garantindo, inclusive, o fortalecimento dos programas de pós-graduação (sobretudo dos cursos de *stricto sensu*), bem como resguardar a autonomia da ciência, dos progressos científicos e dos avanços obtidos ao longo dos anos.

## **A agenda antirracista do serviço social brasileiro**

O Serviço Social brasileiro há muito tempo tem se atentado para as diversas transformações históricas ocorridas na sociedade brasileira. Esta profissão enfrentou o processo de ruptura com o tradicionalismo profissional e seu ideário conservador, bem como, tem construído coletivamente (tanto com as suas entidades representativas, quanto com setores progressistas da sociedade brasileira), uma agenda de lutas, pautada, sobretudo, a partir do projeto profissional emancipatório.

Recentemente, em condições históricas totalmente adversas como um Golpe de Estado, uma realidade pandêmica e o crescimento do fascismo, vimos (mesmo que de forma tímida), mobilizações de diversos atores e movimentos sociais que redirecionaram a luta pela universalização dos direitos civis, sociais e políticos e pela retomada da democracia no país. A defesa do SUS e do conhecimento científico, a liberdade de imprensa, a guerra contra o obscurantismo tem nos mostrado que estamos longe de um horizonte de amenidades.

Por outro lado, vimos entrar na ordem do dia, algumas das discussões mais importantes deste país. Destaco a questão étnico-racial, a questão dos povos indígenas e a reforma agrária. Todavia, reconhecer a relevância desses temas na conjuntura atual, não pode ser confundido com a superação dos mesmos. Ou seja, consideramos avanços, sim, mas não podemos encobrir as incongruências presentes nesta realidade.

Sobre isto, particularmente, ao analisarmos a questão étnico-racial por dentro do Serviço Social brasileiro, sabemos o quanto tal discussão foi por muito tempo negligenciada. Foram inúmeras as tentativas para esvaziar e/ou silenciar as vozes que se levantaram com

---

<sup>77</sup> Cf. MARX, Karl (2010).

pautas antirracistas contra as “opressões”. Sabemos que questão racial aqui no Brasil, e em outras partes do mundo, é resultante do processo de escravidão. Aqui, sua relação se dá em concomitância ao capitalismo dependente, que de forma particular, garantiu ao modo de produção capitalista, o aporte necessário para a sua eficácia.

As discussões que permeiam as categorias raça e racismo são muito amplas, complexas e compostas por diversas interpretações, necessitando assim da análise de outros elementos para sua compreensão. Contudo, apesar dos limites que envolvem esse debate, este é um assunto que permeia o imaginário da sociedade brasileira, traduz sentimentos e revela aspectos de violências, tendo em vista que, desde o início das teorias que o interpretaram até os dias atuais, os efeitos do racismo para a sociedade não foram superados.

Na última década, o número de publicações em revistas de grande circulação ou mesmo de outras áreas que dialogam com esta profissão, tem realizado significativas ações que contribuem para a ampliação dessa discussão. A consolidação dos chamados Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) é um fato que deve ser celebrado, pois muito contribuiu para o aumento das pesquisas sobre a questão étnico-racial.

Recentemente, por iniciativa da ABEPSS, foi elaborada a publicação *Subsídios para o Debate da questão Étnico-Racial na Formação em Serviço Social* (2017-2018), e a chapa 2017-2020 do conjunto CFESS/CRESS, desde o início da sua gestão, lançou a campanha “Assistente Social no Combate ao Racismo”, resultando na publicação de dois livros: “*Desafios para o Serviço Social na luta antirracista: questão étnico-racial em debate*” (2020-2021) e “*Questão Racial, Serviço Social e os Desafios Contemporâneos*” (2021). Também a série de sete cadernos - *Assistente Social no combate ao Preconceito*, com destaque para o caderno de número 3 (três), elaborado pela intelectual Roseli Rocha, oferece pistas em como identificar, combater e lutar contra o racismo.

Destaco a realização do Seminário Nacional de Formação Profissional do Movimento Estudantil de Serviço Social comemorando os 40 anos do Congresso da Virada – “*Por Uma Práxis Antirracista: A Virada agora é Preta*” em 2019, (ENESSO, 2020); em dezembro de 2020, ocorreu o *I Simpósio Serviço Social e Relações Étnico Raciais: Construindo Uma Plataforma Antirracista*, contou com a participação de convidadas/os internacionais e de diversos nomes da luta antirracista no Brasil.

Importante também é o protagonismo do movimento estudantil no Serviço Social, que por intermédio da ENESSO, bem como da representação discente na ABEPSS, a qual, pelo menos nas últimas décadas, tem priorizado e incitado o debate da questão étnico-racial no âmbito da formação profissional e da luta de classes, e, assim, junto com a grande maioria de estudantes, tem fortalecido e enfrentado as lacunas desta temática no âmbito universitário.

Recentemente, a ABEPSS, por meio da gestão: *Aqui se respira a Luta* (2021-2022), em conjunto com o GTP Ampliado, que conta com pesquisadoras/es das relações raciais, da questão indígena e das questões de gênero, atuantes de diversas frentes do Serviço Social brasileiro, se debruçam em análise sobre a implementação das ações afirmativas tanto nas pós-graduações de Serviço Social quanto nos concursos públicos para docentes negras/os. Um dos resultados deste trabalho coletivo, foi a implementação da Plataforma Antirracista<sup>78</sup> na página oficial da ABEPSS. É um repositório, com dicas de textos, separados por eixos de

---

<sup>78</sup>Disponível em: <https://www.abepss.org.br/subsidiosparaodebateetnicoracial-94> Acesso: 08/dez/22.

discussão sobre o Serviço Social e as Relações Raciais, que será alimentado sempre que houver publicações críticas sobre a referida temática.

Neste sentido, as produções presentes na coletânea que ora se materializa, remontam experiências audaciosas e seguem a ótica do conhecimento que liberta e emancipa. Deste modo, esta produção está no curso de tantos outros construídos como instrumento de crítica, mas que também apontam possibilidades concretas de avanços e perspectivas críticas que nos direciona para a superação da ordem social vigente. Sigamos mobilizadas (es/os), organizadas (es/os) coletivamente, e que mesmo em trincheiras distintas, que possamos nos encontrar na luta, mas que lutemos com afínco e afetos.

## Referências

ABEPSS. **Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/gtps.html>. Acesso: 27/mar/2023.

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/lancamento-da-plataforma-antirracista-98>. Acesso: 27/mar/2023.

ABEPSS. **Subsídios para o Debate da questão Étnico-Racial na Formação em Serviço Social**. (2017-2018). Disponível em: [https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio\\_debate\\_uestao\\_etnico\\_servico\\_social-201812041419427146430.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf) Acesso: 27/mar/2023.

ALMEIDA, Sheila Dias. **Unidade do diverso ou inclusão sem pertencimento?** Análise da educação superior e das políticas de ações afirmativas nas Pós-graduações em Serviço Social no Brasil. Rio de Janeiro, 2023. Tese (Doutorado em Serviço Social). Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

CFESS. **Conselho Federal de Serviço Social**. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/js/library/pdfjs/web/viewer.html?pdf=/arquivos/CFESS-Caderno03-Racismo-Site.pdf>. Acesso: 27/mar/2023.

ENESSO. **Executiva nacional de Estudantes de Serviço Social**. Disponível em: <https://enessooficial.wordpress.com/> Acesso: 27/mar/2023.

Hooks, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2014/2020.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010. Inclui as cartas de Marx a Ruge publicadas nos Anais Franco-Alemães. Tradução Nélío Schneider, [tradução de Daniel Bensaïd, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx-Engels).